

---

---

## **“CULTURA NEGRA” EM BLUMENAU: PROBLEMATIZANDO IDENTIDADE E DIFERENÇA NA SALA DE AULA**

### **“CULTURA NEGRA” IN BLUMENAU: QUESTIONING IDENTITY AND DIFFERENCE IN THE CLASSROOM**

*Carla Fernanda da Silva*<sup>1</sup>  
*Ricardo Machado*<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O documentário “Cultura Negra: identidade e diferença em Blumenau” nasceu da necessidade de inserir o debate sobre a história e a cultura afro-brasileira na sociedade, necessidade esta ampliada com a aprovação da lei 10.639, que torna obrigatória a discussão na sala de aula. Foi necessário problematizar o tema da *identidade* e *diferença* para não cairmos nos lugares comuns e reforçar os estigmas e a perpetuação da exclusão. Não bastaria incorporar esta temática e inseri-la em mais uma peça do mosaico cultural contemporâneo, utilizando recursos pautados da retórica da tolerância das diferenças. Aqui evidenciamos a necessidade de tomar a *identidade* fora de sala, para compreendê-la como uma construção linguística, e por isso, no campo das relações de poder. Isto significa colocar em questão os binarismos em torno dos quais as diferenças se organizam. Esta discussão é urgente em uma cidade como Blumenau/SC onde a afirmação étnica é uma constante nos discursos políticos e culturais. Falar de *identidade* afrobrasileira é justamente a possibilidade de tratar do discurso do contrário, das margens dos territórios, e, sobretudo, indicar os limites e incoerências que todo discurso identitário carrega consigo.

**Palavras-chave:** Identidade. Diferença. Cultura Negra. Ensino de História.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora do Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Publicou o livro 'Grafias da Luz: a narrativa visual sobre a cidade na revista Blumenau em Cadernos', pela Edifurb/2009. É coautora do documentário 'Cultura Negra: identidade e diferença em Blumenau'.

<sup>2</sup> Doutorando em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Mestre em História Cultural pela UFSC. Professor do Departamento de História da FURB. Publicou o livro 'Entre o público e o privado: gestão do espaço e dos indivíduos em Blumenau (1850-1920)', pela Edifurb/2008. É coautor do documentário 'Cultura Negra: identidade e diferença em Blumenau'.

**ABSTRACT:** The documentary "Black Culture: Identity and difference in Blumenau" was born from the need to enter the debate about the history and african-brazilian culture in society, need this expanded with the adoption of the Law 10.639, which mandates the discussion in the room class. It was necessary to discuss the theme of identity and difference for not falling into the clichés and reinforce the stigma and the perpetuation of exclusion. Would not adequately incorporate this theme and insert it into another piece of contemporary cultural mosaic, using resources lined the rhetoric of tolerance of differences. Here we highlight the need to take the identity out of the classroom, to understand it as a linguistic construction, and therefore, in the field of power relations. This means putting into question the binaries around which the differences are organized. This discussion is urgent in a city of Blumenau/SC where ethnic affirmation is a constant political and cultural discourses. To talk of african-brazilian indentity is precisely the possibility of treating the speech, otherwise the banks of the territories, and above all, indicate the limits and inconsistencies that carries all identity discourse.

**Keywords:** Identity. Difference. Black Culture. History Education.

Minha brancura nunca sairá da minha pele, da mesma forma que a sua negrura estará em teu corpo para sempre. Que ser branco? Podia te emprestar minha negrura se isso pudesse fazer você se sentir melhor. Viva a tua negrura e descanse.

*A cor errada de Shakespeare*  
José Endoença Martins

## Introdução

Historicamente a escola tornou-se um lugar privilegiado para inserir o debate de noções como *identidade* e *diferença* em nossa sociedade. Durante muito tempo, através da construção de um modelo republicano/positivista de escola, tentou-se invisibilizar as *diferenças* em nome de uma suposta igualdade. Através da disciplina e normalização do espaço, cada sujeito foi colocado no seu lugar, impedindo qualquer referência a este tema. Mesmo diante de situações desiguais - onde somos atravessados pelos conflitos produzidos pelas práticas de diferenciação - a escola buscava não produzir *visibilidade* e *dizibilidade* para a *identidade* e *diferença*. No entanto, nas últimas décadas este tema entrou para ordem do dia em nossa sociedade, e com isto, reproduziu-se no espaço escolar. Neste caso, este novo discurso é marcado por um altruísmo permeado por concepções de "respeito" e "celebração" da *diferença*. As formas de diferenciação foram tomadas por

uma nova positividade e com isso uma normatividade. Diante destas duas possibilidades de pensar o tema – uma que invisibiliza e outra que valoriza essencializando – não parecem suficientes como instrumento pedagógico para pensar estas questões em sala de aula. Sem escapar do tema, é preciso tomá-lo em sua dimensão linguística e política, ou seja, precisamos trazer para a escola a discussão sobre a produção da *identidade* e *diferença*. Sabendo que esta produção é marcada por relações de poder, por definições de inclusão e exclusão, por isso, o grande desafio é tomá-las como problemas que podem ser buscados através da história, das produções culturais e formas de expressão. Neste sentido, é preciso discutir quais as implicações políticas de conceitos como *diferença*, *identidade*, diversidade e alteridade em nossa sociedade contemporânea.

### **A Identidade Como Problema**

Nas últimas décadas assistimos surgir de diversos lugares um discurso que se coloca como “multicultural”, ou seja, que apresenta a diversidade cultural nos contextos globais e locais. Muitas vezes esta diversidade é demonstrada pela necessidade de “respeito ao diferente” e acaba por reforçar o exotismo e demarcar fronteiras ainda mais rígidas entre o “eu” e o “outro”. Normalmente esta concepção de diversidade cultural está apoiada em visões em que palavras como “cultura” e “*diferença*” são tomadas de maneira naturalizadas, cristalizadas e essencializadas. Estes discursos têm seus pilares em dois lugares distintos, mas que acabam se confundindo e até mesmo legitimando-se mutuamente: a biologia e a história. Mas, se o argumento biológico têm se apresentado como algo cada vez mais arcaico e retrógrado, o argumento histórico-cultural em muitos lugares ainda se apresenta com uma roupagem moderna e transformadora. Mas nem por isso, é um argumento menos problemático que o anterior. Talvez, o argumento essencialista da história para a *identidade* e *diferença* seja ainda mais perigoso.

O desafio parece estar justamente em demonstrar a historicidade da construção da *identidade* regional, e, sobretudo, sobre a produção da

*diferença*. É preciso, neste caso compreender a *identidade* dentro de suas implicações políticas que autorizam a produção de um discurso que circula nos espaços institucionais e informais relativos ao que nós somos e deixamos de ser.

No caso, a cidade de Blumenau (SC) parece ser um lugar fundamental para problematizar a disputa pela *identidade*. Afinal desde os anos 1970 a cidade tomou para si a produção de um discurso sobre a germanidade. Nascido do turismo, o discurso germânico investiu nas definições estéticas da produção artística, na arquitetura, na organização do espaço urbano, e sobretudo, deixou marcas em nossos corpos. Mais do que tudo, este processo de *invenção das tradições*, é também um processo de diferenciação que foi produzido através de relações de poder. Estas marcas construídas que definiram os limites entre o “nós” e “eles”, mas também entre “bons e maus”, e entre aqueles estão “incluídos e excluídos”. Afinal, “a *identidade* e a *diferença* não são, nunca inocentes” (SILVA, 2003, p.81) O que está em jogo na constituição destas fronteiras é sempre o acesso a bens simbólicos e materiais produzidos socialmente. Consideramos esta uma afirmação importante, para aqueles que questionam os movimentos de identificação da negritude que estão surgindo nos últimos anos. Pois a *identidade* considerada normal, é vista como natural e única e por isso nunca é vista como uma construção de *identidade*. Em uma sociedade de supremacia branca, “ser branco” não é considerado uma *identidade* étnica. (SILVA, 2003, p.83)

## **Cultura Negra**

Discutir “cultura negra” na cidade de Blumenau é falar da história da produção desta *identidade* e sua capacidade de construção de pertencimento a história local e ao mesmo tempo sua negação através do discurso. Este contraponto não está em um passado imemorial, mas produziu-se neste processo histórico de normatização da *identidade* na cidade. Afinal, um dos efeitos fundamentais das políticas identitárias produzidas pela germanidade, foi justamente a definição deste outro da

*diferença* que passa a viver como um deslocado ou se reafirma dentro de outras fronteiras identitárias que também passaram a ser construídas no período.

Este é o ponto fundamental que exige nossa problematização. Afinal, não nos basta promover e estimular “bons sentimentos” com a diversidade cultural, pois o que está em jogo aqui não é nem mesmo o respeito e a tolerância com o diferente. Esta atitude paternalista baseada em um argumento essencialista não permitiria questionar as relações de poder e os processos de diferenciação que constroem a *identidade* e a *diferença*. Não nos basta promover o exotismo e a curiosidade sobre a *diferença* que implicam ainda mais os elementos de distanciamento e dominação.

### **A Criação do Documentário e a Discussão da Cultura Negra**

A ideia primeira do vídeo surgiu como atividade de avaliação no curso de História – FURB/Blumenau – nas disciplinas de História da África e História Contemporânea II; na qual os alunos, em equipes, deveriam trabalhar temas relacionados à cultura afrobrasileira no município de Blumenau, ou seja, visibilizar no cotidiano da cidade a presença dessa cultura na comida, dança, espaços, música, movimentos sociais, entre outros. Após a apresentação dos trabalhos discutiu-se a necessidade de fazer um vídeo-documentário sobre o tema ‘Cultura Afrobrasileira em Blumenau’, em um formato didático, de modo a promover o debate em escolas do município, movimentos sociais, universidades, etc.

Iniciamos o documentário em 2008, com aporte financeiro do Fundo Municipal de Incentivo à Cultura, e com a concepção inicial de visibilizar a cultura afrobrasileira em Blumenau. Para as entrevistas elaboramos um pequeno rol de perguntas: ‘O que é ser negro?’; ‘O que é ser negro em Blumenau?’; ‘Quais são os espaços de convívio e manifestação da cultura negra na cidade?’; ‘Você já foi vítima de preconceito?’.

Nesse momento ainda tínhamos uma concepção do documentário como instrumento de debate e revelação da presença negra em uma cidade que foi proclamada ‘germânica’, esperando depoimentos baseados numa

realidade dual, de mundos em confronto e um discurso pautado na história da escravidão.

As respostas à primeira pergunta: 'O que é ser negro?' nos reportaram para uma nova discussão possível no documentário, não sedimentada numa noção preconcebida, em que a *identidade* atribuída ao povo africano é naturalizada, cristalizada e essencializada (SILVA, 2000, p. 73) pelo modo como é conduzido o estudo de outras culturas em sala de aula. A distância com que os povos são apresentados destaca o curioso, o exótico, reforçando a idéia de *identidade* em que o outro é aquele que não sou. Segundo Tomaz Tadeu da Silva: "Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos." (SILVA, 2000, p. 76)

A produção do documentário proporcionou um olhar de alteridade, a percepção do outro como outro diferente daquele que indaga, pois experiências foram compartilhadas durante o processo de entrevistas. Destacam-se as experiências de alteridade que os entrevistados vivenciaram e que contribuíram para sua percepção de *identidade*, como recorda a musicista Noemi Kellermann: "Se vou recorrer a minha memória de infância, quem me disse assim – *Tu és negra!* – foram os outros. Sempre é assim, principalmente para a criança, que em seu convívio não vê muito a cor" (KELLERMANN. *In.* SILVA; MACHADO; LESSA; 2008). Neste depoimento percebe-se que a concepção de *ser negro* não pode ser compreendida a partir de uma noção naturalizada, mas sim a partir de uma construção social. Foi possível ampliarmos nossa discussão na entrevista com o escritor José Endoença Martins, que em sua fala reflete a literatura afrodescendente norte-americana de Toni Morrison, ao afirmar que:

Ser negro é uma opção, você tem que querer ser negro. Então, isso implica numa posição em que você tem que assumir, mesmo que seja adversa aos seus interesses. Sendo uma opção, você pode fazê-la a qualquer momento. Não acredito que existe uma pessoa que seja vinte e quatro horas por dia e cem por cento negra, em todos os momentos. Ele vai ser negro em algumas situações, talvez mais negro em outras situações e vai ser menos negro em outras situações. (MARTINS apud SILVA; MACHADO; LESSA. documentário, 2008)

A afirmação do ser negro enquanto opção é polêmica e provocadora. Polêmica porque num primeiro momento é impossível cogitar a cor da pele como uma opção, pois sempre relacionamos o *ser negro* a uma condição natural, essencializada numa concepção biológica. Provocadora, porque transpõe o *ser negro* para uma concepção cultural, construída na relação com o outro, ao mesmo tempo em que, sutilmente, revela a existência de uma referência do que é *ser negro*, uma *identidade* já constituída na sociedade e reivindicada quando se faz necessário. A opção se dá no momento de reivindicar esta *identidade*, pois são as relações que estabelecem essas necessidades, como reflete Noemi Kellermann:

Essa identidade, esse sentimento de estar no mundo como negro, digamos assim, a gente vai desenvolvendo no decorrer do tempo. Porque o ser negro, e essa identidade de negro ela vai se configurando nessas relações que temos com as pessoas. E tu olhas para o teu interior e o que afinal você tem de diferente sendo negro? O que as pessoas vêem de diferente que as afasta ou aproxima. Porque tem as pessoas que se aproximam porque tu és negra, tem o fascínio pelo negro. E tem pessoas que se afastam por ter medo do diferente. (KELLERMANN apud SILVA; MACHADO; LESSA. documentário, 2008)

A afirmação da *identidade* se apresenta com o desejo dos diferentes grupos sociais em garantir acesso privilegiado aos bens culturais e sociais (SILVA, 2000, p. 81), ou seja, estabelecer relações de poder e, por vezes, hierarquização das diversas culturas. De certa forma se constitui como um processo de resistência. Ao analisarmos a história afrodescendente em nosso país vemos uma constante luta, tanto pela sobrevivência física, quanto pela sobrevivência cultural. Portanto, como defende José Endoença Martins, as opções em nossa sociedade, estão diretamente relacionadas ao desejo de sucesso, imbricado na necessidade de sobrevivência:

São as situações culturais em que ele está colocado que vão decidir o tipo de negritude ou de negridade que ele vai assumir, de acordo com as relações que ele vai mantendo com as pessoas. Essas opções do assumir a negritude, têm haver também com as possibilidades de sucesso e de derrota. Segundo um personagem de um livro: a função do escravo é sobreviver. Porque um escravo morto jamais teria chegado a situação que temos hoje, a resistência tem que levar a

sobrevivência, então as opções tem que estar de acordo com as possibilidades de sucesso. E tem que ser estrategicamente assumidas, sob pena de alguns reveses serem fatais. (MARTINS apud SILVA; MACHADO; LESSA, documentário 2008)

As entrevistas apresentaram a necessidade de estabelecer uma *diferença* na forma de abordagem da cultura negra em sala de aula, ou seja, ir além do conteúdo continuamente abordado sobre a história africana e afrodescendente no Brasil, que por vezes limita-se ao processo de escravidão, a submissão do negro ao trabalho escravo e ao processo de abolição, em que os brancos libertam os escravos, ou seja, estuda-se a história africana e afrodescendente a partir da perspectiva de uma sociedade em que os negros estão sujeitos as decisões de outros, em que os mesmos não são protagonistas da história. Esta contínua representação do negro escravo e submisso se constituiu em banalização, ao invés de denúncia. E a banalização da servidão, da pobreza, da criminalização do negro, não contribui para uma discussão e uma ação afirmativa, mas sim reforçar o discurso que inferiorizou o negro por tantos séculos. Além da *identidade* negra estabelecida, outro aspecto é relevante, que é o ser negro no Brasil, ser negro e brasileiro, pois são duas referências identitárias a serem requeridas, conforme destaca o professor Carlos Alberto Silva e Silva:

O negro brasileiro é um corpo que tem dualidades: primeiro de ser brasileiro; segundo que é ser negro com alguns estigmas. E esses estigmas vem a partir da história do Brasil. A ideia da submissão, do superior e do inferior, a ideia de uma raça menor. E os negros no Brasil, mesmo na atualidade, acabam tendo esses resquícios da pós-escravidão. E que não somente o negro precisa lidar com isso, mas a sociedade de uma forma em geral. Se temos um país plural e essa diversidade é muito latente, é preciso então começar a entender, a trabalhar e organizar essa diversidade. Por isso o negro é corpo em dualidade: ele é mais brasileiro? Ele é mais negro? E por conta disso muitos negros procuram negar a sua negritude. E essa negação da negritude ela se constrói em função disso, porque se na história presente o negro é representado como servil, ninguém quer ser servil. Ninguém pensa em ser eternamente servil ou na condição de marginal. (SILVA e SILVA. apud SILVA; MACHADO; LESSA. documentário, 2008)



O depoimento dos entrevistados ampliou a discussão ao abordar a *identidade* para além do conceito naturalizado na sociedade. Até porque a entrevista foi um momento em que eles optaram por sua negritude e reivindicaram um olhar mais problematizado no que se constituem as relações de *identidade* e *diferença* na sociedade.

Após a finalização do documentário, o passo seguinte foi a sua distribuição em escolas de ensino fundamental de Blumenau, além de sua exibição e discussão com professores e acadêmicos durante o Seminário de Licenciaturas da FURB (2010), bem como no encontro de Cultura Negra promovido pelo Movimento Cisne Negro, também de Blumenau (2010), e também em dois encontros de formação de professores da rede estadual de ensino, região Blumenau. Mas, para abordarmos de forma diferenciada a concepção de *identidade* com alunos e professores, foi necessário elaborar uma prática pedagógica para o uso e interpretação do documentário, em que fosse possível questionar os conceitos aceitos como “verdadeiros”, pois “na elaboração de narrativas históricas que respondam aos questionamentos do presente, ocorre um processo de reelaboração narrativa em que a memória é trabalhada e se transforma em memória de um grupo social, pela intervenção crítica da História, atribuindo uma racionalidade à narrativa.” (LUCINI; OLIVEIRA; MIRANDA apud ZAMBONI, 2007, p. 65) E assim, questionando a história narrada e abordada no espaço escolar e no cotidiano até então, por vezes pautada numa concepção de *identidade* hierarquizante, centrada no “eu” como referência; deslocar o pensamento para o Outro foi nossa intenção ao pensarmos no uso e teoria do documentário.

Primeiramente foi preciso fazer com que os alunos, ao assistirem o documentário, repensassem seu conceito de *identidade*, de forma que as *identidades* não fossem fixas (nós x eles), hierarquizadas, naturalizadas, mas sim em que fosse possível questionar a forma de perpetuação destas representações. Assim, desenvolvemos uma atividade pedagógica antes da apreciação do documentário, com intuito de envolver os alunos na discussão de *identidade* e, ao mesmo tempo, pensar o que eles tinham como conceito de *identidade*, afinal “a normalização é um dos processos

mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e diferença.” (SILVA, 2000, p. 83)

Divididos em grupos, os alunos receberiam duas ou três perguntas que deveriam responder, sendo estas: O que é ser branco? – O que é ser negro? – O que é ser índio? – O que é ser alemão? – O que é ser italiano? – O que é ser brasileiro? – perguntas aparentemente simples, mas que, em suas respostas, revelaram a dificuldade em estabelecer algumas respostas, como, por exemplo, para a pergunta - O que é ser branco? – e também revelaram como os conceitos naturalizados hierarquizam as culturas na sociedade.

Foi preciso questionar a forma como as culturas vêm sendo representadas em sala de aula e nos livros didáticos. Assim, ao conceber uma prática pedagógica diferenciada, em que o aluno pode explorar novas possibilidades de pensar o diferente, permitiu compreender a *diferença*, sem querer conformar e entender o Outro a partir dos parâmetros da sua cultura, ou seja, compreender as *identidades* por suas multiplicidades. Somente após uma discussão da sedimentação da *identidade* é que foi exibido o primeiro trecho do documentário, que tem como título: O que é ser negro? E, após a exibição, foi possível realizar uma discussão da *identidade* e da *diferença*, conforme abordamos anteriormente. Assim, os alunos puderam pensar no *ser negro* partindo do que os entrevistados propuseram; a negritude como uma opção e sua constituição a partir do convívio social, e não como um sedimentado conceito de *identidade*: “Ninguém nasce negro. O negro se transforma, acontece, vai se construindo à medida que mantém relações interpessoais, relações no meio, relações com outras situações, com a comunidade, com o próprio ambiente onde vive.” (MARTINS apud SILVA; MACHADO; LESSA. documentário, 2008)

## **Considerações Finais**

Ao diversificar as possibilidades de discussão da *identidade* e reelaborar as narrativas históricas permitiu-se trazer outro olhar, para além

do que os livros didáticos têm oferecido. O documentário também possibilitou deslocar o estudo dos livros e do mundo virtual, e trazer para sala de aula pessoas vinculadas ao movimento negro, à música, à capoeira e às religiões de matriz africana; permitindo ao aluno a troca de experiência, estudando história a partir da vivência, percebendo essa história africana e afrobrasileira na contemporaneidade.

## Referências

KELLERMANN, N. apud SILVA, C. F. da; MACHADO, R. LESSA, F. *Cultura Negra: identidade e diferença em Blumenau*. 2008. (Documentário)

LUCINI, M.; OLIVEIRA, S. R.F.; MIRANDA, S. R. Na Esteira da Razão Histórica: olhares e diálogos com a obra Jörn Rüsen. In ZAMBONI, E. (Org.). *Digressões sobre o Ensino de História: memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Ed. Maria do Cais, 2007.

MARTINS, J. E. *A cor errada de Shakespeare*. Blumenau: Odorizzi, 2006. 328 p.

MARTINS, J. E. apud SILVA, C. F. da. MACHADO, R. LESSA, F. *Cultura Negra: identidade e diferença em Blumenau*. 2008. (Documentário)

SILVA, C. F. da; MACHADO, R.; LESSA, F. *Cultura Negra: identidade e diferença em Blumenau*. 2008. (Documentário)

SILVA, T. T. (Org.); HALL, S. WOODWARD, K. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 2003.

SILVA e SILVA, C. A. apud SILVA, C. F. da; MACHADO, R.; LESSA, F. *Cultura Negra: identidade e diferença em Blumenau*. 2008. (Documentário)